

SEGUNDO CADERNO

SÁBADO 4.4.2015
oglobo.com.br

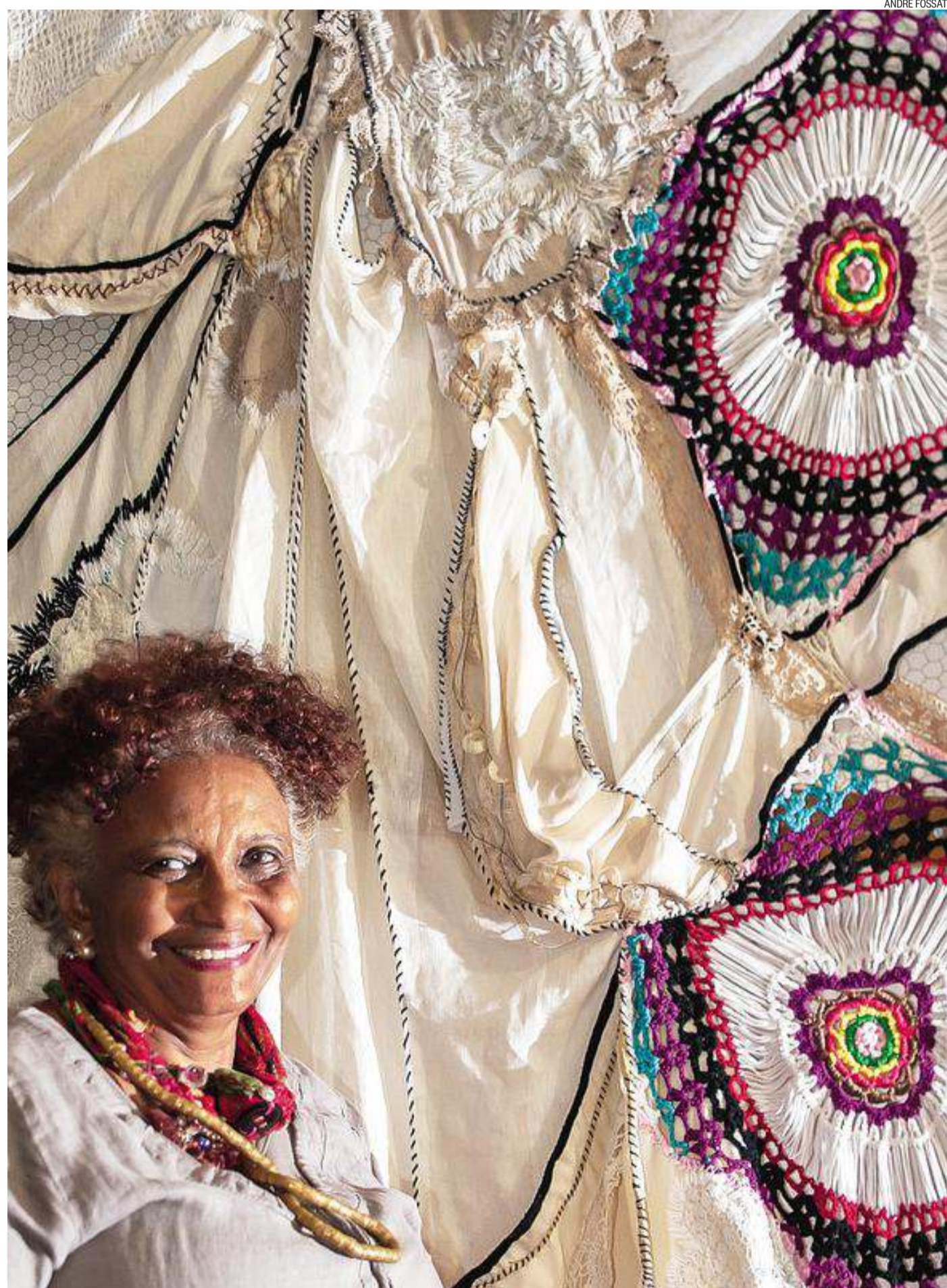
As mortes
de Manoel
de Oliveira,
em 2015, e de
Guimarães Rosa,
em 1967

pág. 10
ARNALDO BLOCH



TEATRO
JÔ BILAC
SE UNE MAIS
UMA VEZ À
COMPANHIA
OMONDÉ

pág. 2



ANDRÉ FOSSATI

Histórias. Sônia trabalha com tecidos que chegam a ela carregados de memórias: "O material é que fala o que ele quer ser", diz a artista mineira

Afeto construído

Única brasileira na mostra principal da Bienal de Veneza, Sônia Gomes retorce o passado em objetos escultóricos

NANI RUBIN
Enviada especial a Belo Horizonte
nani@oglobo.com.br

No quarto andar do Edifício Vera Cruz, no Centro de Belo Horizonte, há um consultório de odontologia, um escritório de advocacia, corretores de imóveis, uma empresa de manutenção de computadores e... um ateliê de artista. Um estranho no ninho num prédio comercial, sem placa que o identifique, e nem precisa. Sônia Gomes costuma manter a porta aberta.

A artista, única brasileira entre os 136 nomes da mostra principal da Bienal de Veneza, voltou à sala depois de trabalhar dois meses no ateliê de um amigo em Lagoa Santa, a 50 minutos da capital. O local, banhado por generosa luz natural, era pequeno para comportar a criação das nove obras pedidas pelo nigeriano Okwui Enwezor, curador do mais importante evento internacional

de arte, que acontecerá de 9 de maio a 22 de novembro na cidade italiana. Há duas semanas, ela enviou para lá os trabalhos, alguns com até seis metros de altura. São da série "Torções", em que Sônia, como o nome sugere, torce tecidos, todos já com lastro de uso, costura-os, borda sobre eles, numa construção escultórica que pende do teto ou de paredes. No espaço de grandes colunas do Arsenale, onde serão expostas, essas peças ajudarão a responder à pergunta que muitos têm se feito, desde que a lista de Okwui foi divulgada: quem é Sônia Gomes? E por quê?

São questões pertinentes. Em São Paulo, ela já fez duas individuais na galeria Mendes Wood DM, que a representa desde 2011, e participou de algumas coletivas, como "A nova mão afro-brasileira", no Museu Afro Brasil (2013), e "Made by... feito por brasileiros", ocupação na Cidade Matarazzo (2014).

Mas no Rio Sônia é menos conhecida — teve uma única obra exibida, em 2013, na ArtRio, no Projeto Lupa, de obras monumentais.

— Sabe que eu também me espantei muito de ter sido escolhida? Não esperava — diz com inequívoco sotaque mineiro a mulher de rosto forte, 66 anos, enquanto o cheiro de café no coador se mistura ao de tecidos antigos, costuras, crochês, moldes de roupas de revistas dos anos 1940, convites de casamento e afins, que vão compor peças de outras séries suas, como "Panos", "Patuás" e "Troxas".

Nada ali foi comprado. Desde sua primeira individual em Belo Horizonte, em 2004, as pessoas começaram a lhe dar "o que havia nos armários, coisas da família que não tinham coragem de jogar fora".

— São objetos de afeto os que recebo aqui, com toda a responsabilidade, e incorporo no

trabalho. Um amigo meu me entregou uma colcha e falou: "Sônia, essa colcha minha mãe fez, dormi toda a minha infância com ela, como é que vou jogar uma coisa dessas fora?"

A colcha do amigo, os paninhos de bandeja da vizinha vão ficando por ali. De vez em quando alguém passa e se interessa pelo "brechó".

— Muita gente me pergunta: você se inspirou em que para fazer isso? Não é assim, o material é que fala o que ele quer ser. Às vezes ele fica tempos aqui esperando a sua hora — diz ela.

Quando a hora chega, a história do objeto se mistura, torcido, à da própria Sônia. Nascida em Caetanópolis (MG) ela é fruto de uma relação casual entre a mãe, negra, e o pai, branco. Órfã de mãe, aos 4 anos foi entregue ao pai pela avó materna, sem condições de mantê-la. Sônia lembra bem do choque (ruim) de sair de uma casa muito pobre para morar num casarão "de tacho", ambiente refinado onde as irmãs do pai ajudaram a criá-la.

— Não me deram afeto, não, mas me deram uma boa educação. Uma tia me ensinou a bordar, costurar, cozinhar, horta. Faço tudo, conserto tomada, até.

Mas o que imperou com força foi a sensação de não pertencimento. Aos 7 anos, fez sua primeira trouxa e fugiu da casa de que não gostava, movimento que ela atribui hoje a uma busca pelo afeto que conhecera na figura da avó, então já morta. De castigo na biblioteca, recortou os livros, símbolo de um distanciamento cultural que a perseguiria por algum tempo. Sônia foi professora primária aos 15 anos — mas não gostava. Formou-se em Direito — tampouco lhe agradava. De estranhamento em estranhamento, quase aos 30 anos, foi para a capital, onde começou a fazer aulas na Escola Guignard.

— Custei a entrar, porque não sabia o que eu era. Vim do interior com a ideia de que para ser artista tinha que saber desenhar. E eu não sabia, pelo menos não sabia copiar exatamente igual.

Antes disso, vinha fazendo colares, bolsas, cintos, roupas.

— Eu gostava da artesanaria, de criar coisas, comprava uns objetos, desconstruía. Não me importava se iria vender ou não. Queria mesmo era fazer o que estava dentro de mim.

"MINHA FILHA, PARA DE FAZER BOLSA"

Fazendo aulas enquanto pintava até portas de armários de amigos, ela acabou sendo apresentada aos donos da Sandra e Marcio Objetos de Arte, conceituado antiquário da capital mineira. Quando a conheceu, Luiz Marcio Ferreira de Carvalho Filho foi taxativo:

— Minha filha, para de fazer bolsa, intervenções em roupa, essas coisas. Você é boa demais para isso.

Em 2004, aos 56 anos, Sônia fez lá sua primeira individual de peso, "Objetos". No ano seguinte, eles propuseram um projeto solo da artista na Arte BA, feira de arte em Buenos Aires. Foi um tremendo sucesso. Tanto que o galerista Thomas Cohn, entusiasmado, promoveu no mesmo ano uma mostra sua em São Paulo. Foi um retumbante fracasso.

Mas ela não se intimidou. Àquela altura já se sentia uma artista. A Mendes Wood DM passou a representá-la, e levou-a em 2013 à Art Basel, na Suíça. Uma de suas obras, "Memória" (2004), ilustrou a capa do suplemento cultural do "Financial Times" sobre o mercado de arte e iluminou sua carreira:

— Foi quando me senti uma artista do mundo — conta.

Por isso, a ida a Veneza, numa bienal que tem como tema "All the world's futures" (Todos os futuros do mundo), assinada por um curador que investiga a questão da alteridade, das relações entre o Norte e o Sul, não chega a ser tão surpreendente para uma artista cujo trabalho, altamente intuitivo, respira a matriz africana. Solange Farkas, diretora e curadora do Video Brasil, festival de arte contemporânea que acontecerá em São Paulo em outubro com Sônia Gomes entre os artistas convidados, observa que 45% dos artistas em Veneza serão negros, "um fato espetacular e único".

— O Okwui é um curador muito especial, que tem como proposta olhar o mundo mais globalmente, além das fronteiras dos Estados Unidos e da Europa. Ele endossa artistas independentemente de terem sido chancelados pelo sistema da arte — diz ela. ●



FOTOS: CORTESIA MENDES WOOD DM; SÃO PAULO